

as águas ou as árvores e às vezes aparecem sob a forma de mulheres índias de longos cabelos; finalmente, os Voodoo são divindades muito temidas pelo seu caráter mau, suscetível e vingativo. No entanto, os Kumentí não encarnam o princípio do bem, nem os Voodoo o do mal; as divindades agrupadas sob os dois títulos podem se manifestar como inimigas de determinada linhagem, ou como benfeitoras desta. Embora o medo dos Voodoo seja flagrante, são por isso muito respeitados e constituem oráculos frequentemente consultados, depois de devidamente apaziguados pelas cerimônias necessárias.

Fazemos estas breves indicações a respeito dos cultos dos negros Boni, porque seria interessante uma comparação entre os três termos: candomblé baiano, vodu do Haiti, cultos de possessão dos negros Boni. Os dois primeiros foram exaustivamente estudados por Roger Bastide e Alfred Métraux e, com a obra que ora apresentamos, fornecem o necessário material comparativo. O problema central seria: quais as semelhanças e as diferenças entre os três cultos de possessão, e a que poderiam ser atribuídas? Acresce que, pelo menos com relação ao candomblé, Roger Bastide teve ocasião de verificar, em pesquisas realizadas na África, serem insignificantes as diferenças entre o culto na América e no continente de origem. De onde o segundo problema: ter-se-ia dado o mesmo com os cultos Boni, ou, no isolamento total das florestas, seu desenvolvimento se desviou das orientações primeiras? Também seria interessante comparar, noutro trabalho, este grupo de descendentes de escravos fugidos com o que Ruy Coelho estudou em sua tese "The Black Carib of Honduras", para ver quais as diferenças entre as duas comunidades, resultantes de situações diferentes de contacto com os brancos.

Porque esta é a principal utilidade de trabalhos monográficos como os citados acima: fornecem os materiais básicos já trabalhados e interpretados, para uma comparação e ulterior determinação de tipos de comunidade.

Maria Isaura Pereira de Queiroz

*

GEORGES GURVITCH: *Dialectique et Sociologie*. 242 págs. Flammarion Ed. Paris, 1962.

Um dos grandes problemas da sociologia é o da representação, em outros termos que os de uma descrição discursiva, de toda uma realidade social cujo aspecto essencial é a mobilidade. Três conceitos foram utilizados, nesse setor, para dar idéia do fluxo contínuo das atividades, os de processo, função e mudança. No entanto, os três se conservam muito próximos da realidade concreta que visam a retratar, praticamente sem sofrer elaboração que lhes dê caráter mais abstrato; fala-se, por exemplo, de processo de cooperação, de processo de competição, de mudança de um tipo de estrutura social para outro, de função de um elemento social dentro do complexo a que pertence, mas os termos não fazem mais do que substituir os nomes mais habitualmente utilizados em linguagem corrente. A ciência quase nada ganha com isso, porque tais termos não encerram uma série de significados que os tornem substitutos válidos de definições.

Com este trabalho, Georges Gurvitch mostra como a utilização do termo dialética pode oferecer uma solução para o problema. A palavra cobre uma variedade de significados e sofreu larga evolução histórica, por isso o Autor começa por definir o sentido em que o aplica. Em seguida, numa primeira parte crítica, narra todo o desenvolvimento do pensamento dialético, de Platão a Sartre, insistindo particularmente nas sucessivas tentativas de aplicação às ciências humanas e sociais. Na segunda parte, explica de que maneira concebe esta aplicação.

Para Gurvitch, a dialética é a um tempo o movimento constante de estruturação e desestruturação das sociedades globais, das classes sociais, dos grupos e das formas de sociabilidade — isto é, de tudo o que, segundo êle, compõe a realidade social —, e o próprio método empregado para compreendê-lo. Três são os seus aspectos fundamentais, portanto: a) é o movimento real dos conjuntos sociais, em vias de construção e de destruição; b) é a maneira adequada, o método mais ajustado ao esforço de se conhecer tal movimento; c) são as relações estabelecidas entre o objeto construído pela ciência, o método empregado nesta construção e o objeto real, pois existe um vai-vem permanente entre o objeto real e o objeto criado pela ciência, passando pelo intermediário dos conceitos, no sentido de tornar o segundo cada vez mais adequado ao primeiro.

Como os movimentos sociais não se dão de uma só maneira, é ilusório tentar captá-los por meio de um único processo operatório dialético. A polarização dialética e a formação de antinomias constitui o processo dialético mais conhecido e utilizado (muitas vezes forçando a realidade social...), mas não é o único existente. Na verdade, há uma multiplicidade de processos dialéticos operatórios aplicáveis aos fenômenos sociais, e é preciso desfazer o *fetichismo* das antinomias: “Não encontramos e não podem ser encontrados elementos contraditórios ou antinômicos que permaneçam sempre tais, em todos os tempos e em todos os lugares, em tôdas as circunstâncias e em todos os circuitos”, e o fenômeno que hoje pode ser abordado pelo processo dialético de antinomias, amanhã já se poderá ter transformado, não sendo cabível mais captá-lo por tal meio.

Distingue Gurvitch cinco processos dialéticos operatórios, que provisoriamente considera principais. Já nos referimos a um dêles, o mais conhecido: a dialética dos contrários. Existe também uma complementaridade dialética, que ultimamente vem sendo utilizada com êxito em física nuclear e que se traduz não apenas pela mera justaposição e complementaridade das partes, mas pelo jôgo de influências recíprocas em fluxo entre elas. Nos processos de implicação dialética mútua, as partes ao mesmo tempo se diferenciam e pressupõem mutuamente, como se dá no caso da vida psíquica e da vida social. Diferencia-se desta implicação dialética um outro processo, o da ambigüidade; neste caso, os fenômenos se separam, em lugar de aparentemente se unir. O melhor exemplo é o das relações entre o caráter espontâneo e o caráter organizado dos fenômenos sociais: ambos coexistem e se pressupõem, influenciam-se reciprocamente, mas em relações de ambigüidade que podem chegar até à ambivalência. Finalmente, há ainda a possibilidade de uma reciprocidade de perspectivas, em que os fenômenos distintos caminham, em suas manifestações e evolução, num paralelismo ou simetria mais ou menos rigorosa.

A vantagem desta multiplicidade de processos dialéticos está, a nosso ver, na possibilidade de se reproduzir, em nível de maior abstração, a direção dos movimentos do real, despojados de qualquer qualificação que os escravize às qualificações concretas. Quando dizemos que, numa competição, os grupos implicados estão em complementaridade dialética, definimos ao mesmo tempo o processo de influências recíprocas e a direção assumida por êle; a direção do processo será outra se dissermos que tais grupos estão em oposição dialética. A abordagem dialética reproduz a dinâmica das relações entre grupos, entre sociedades, entre camadas sociais, entre os fenômenos sócio-culturais de diferentes setores, de tal maneira que a utilização dessa terminologia retrata ao mesmo tempo a posição dos elementos um em relação ao outro, as influências recíprocas e a direção destas influências.

Não se esqueça, porém, que os processos dialéticos não são explicativos. Gurvitch chama a atenção para a confusão muito freqüente que é considerar a dialética como

método de explicação do real; trata-se de um processo descritivo que não fornece, ao contrário do que se pensa, nenhum esquema explicativo. É um processo refinado de análise com o objetivo de se chegar a processos explicativos mais adequados à realidade estudada, e como tal se associa a outros processos analíticos com igual fim. A explicação dos fenômenos sociais, por sua vez, deve ser procurada em fase posterior do estudo, e se exprimirá em correlações funcionais, em regularidades tendenciais na determinação de fatores causais, etc., que êsses são processos explicativos.

Uma breve resenha retrata mal tôdas as sugestões e perspectivas novas que o livrinho oferece. Lembremos ainda que, na última parte, Gurvitch examina com rara acuidade as relações da sociologia com as diferentes ciências sociais, mostrando que o meio mais adequado de captá-las é também através dos processos dialéticos operatórios.

Maria Isaura Pereira de Queiroz